

Restauração florestal é urgente, diz ONU

Mais de 460 milhões de hectares estão degradados em todo o mundo, e pouco progresso tem sido feito para recuperá-los, alerta relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), e prevê custos a longo prazo

» PALOMA OLIVETO

A janela de oportunidade para a restauração de florestas e paisagens está se fechando, alerta um relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). Segundo o documento, sem investimento e compromisso com o tema, será impossível alcançar metas de segurança alimentar, biodiversidade, clima e desenvolvimento sustentável. O Estado das Florestas do Mundo (Sofo) 2026 foi publicado como parte da 28ª Sessão do Comitê de Florestas da FAO (Cofe 28) e da 10ª Semana Mundial das Florestas.

“O relatório deixa claro que a restauração de florestas e paisagens é mais do que uma prioridade ambiental — é um investimento estratégico em sistemas agroalimentares resilientes e no desenvolvimento rural”, disse Qu Dongyu, diretor-geral da FAO, na apresentação do documento. “A restauração tardia ou mal planejada aumentará os custos a longo prazo, agravará as desigualdades e poderá condenar as paisagens a trajetórias insustentáveis”, acrescentou.

As florestas cobrem 4,14 bilhões de hectares (cerca de 32% da superfície terrestre), armazenam 714 gigatoneladas de carbono e abrigam até 80% da biodiversidade terrestre do mundo. Essas grandes áreas de vegetação também sustentam sistemas agroalimentares, com quase um terço da população mundial dependendo delas para segurança alimentar e meios de subsistência.

Porém, estima-se que 489 milhões de hectares de floresta foram perdidos entre 1990 e 2025 devido ao desmatamento, enquanto mais de 460 milhões de hectares estão degradados em todo o mundo. No total, 1,56 bilhão de hectares de terra estão comprometidos, impulsionados pelo crescimento populacional, mudanças no uso da terra e crescente demanda por recursos naturais, diz o relatório da FAO.

Ameaças

Ao mesmo tempo, as ameaças estão se intensificando. Todos os anos, cerca de 127 milhões de hectares de floresta são afetados por incêndios, com danos adicionais causados por insetos, doenças e eventos climáticos extremos. Com o aumento da demanda por produtos florestais e a crescente pressão sobre os recursos naturais devido à competição entre os usos da terra,

Frederico Pereira/Divulgação



o relatório defende a necessidade de restaurar florestas e paisagens degradadas em larga escala, enfatizando que a inação acarreta um ônus econômico muito maior do que a restauração.

Com base em evidências e experiências de todo o mundo, incluindo o Brasil, o documento identifica quatro caminhos para acelerar o progresso: empoderar as pessoas e fortalecer seus direitos; implementar a restauração em escala de paisagem; mobilizar financiamento e modelos de negócios que apoiem a restauração; e criar políticas, instituições e leis coerentes. Segundo o relatório, essas medidas poderiam gerar US\$ 1,8 trilhão por ano em benefícios, caso se restaure mais de 1 bilhão de hectares degradados. “Investir US\$ 2,6 trilhões ao longo de 15 anos na mitigação da degradação do solo e da seca poderia gerar um retorno

social de oito para um”, diz o texto.

André Ferretti, gerente senior de economia da biodiversidade da Fundação Grupo Boticário e membro da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza (REC), diz que a necessidade de financiamento para colocar em prática os eixos propostos pela FAO é urgente. “Restauração é cara, ela exige uma série de práticas que vão de planejamento a equipamentos necessários para plantio e manutenção, além de coleta de sementes, produção de mudas, plantio, adubação, controle de plantas invasoras e pragas”, enumera. “A mobilização dos recursos necessários, sejam de fontes públicas ou de privadas, é ao longo prazo, porque a restauração é algo a longo prazo. As árvores levam décadas para crescerem e formarem uma nova floresta, um novo ecossistema em equilíbrio.”

Progresso

Segundo o relatório, governos de 91 países e regiões prometeram destinar mais de 190 milhões de hectares para a restauração florestal. Porém, o progresso é insuficiente, com apenas 206,5 milhões de hectares de florestas atualmente em processo de restauração. Entre os 18 estudos de caso analisados no relatório, destaca-se o Pacto Trinacional da Mata Atlântica, que abrange Brasil, Argentina e Paraguai e pretende restaurar 1 milhão de hectares até 2030 e 15 milhões de hectares até 2050.

Ferretti afirma que os quatro eixos apontados pelo documento da FAO são essenciais para garantir a recuperação das florestas, mas ele destaca o planejamento em escala de paisagem — as dimensões espaciais e temporais (extensão e resolução)

Palavra de especialista

Estratégia de desenvolvimento

Alcançar as metas de restauração e regeneração do Brasil exige mais do que projetos ambientais: é preciso construir um plano de nação em que a natureza seja um motor do desenvolvimento. Isso significa reorganizar políticas públicas, investimentos, cadeias produtivas e mecanismos de mercado para favorecer uma economia que conserve e recupere os ecossistemas. Hoje existe uma falha de mercado: serviços da natureza têm enorme valor, mas ainda são pouco remunerados, enquanto recursos públicos e privados continuam financiando atividades que degradam o ambiente. Por isso, bancos, empresas e investidores precisam fazer parte dessa transformação. Mais do que uma agenda ambiental, trata-se de uma nova estratégia de desenvolvimento, na qual floresta, biodiversidade, água, solo e clima são reconhecidos como infraestrutura essencial da economia brasileira.

Daniel Cywinski, coordenador administrativo do Centro de Referência em Informação Ambiental (CRIA)

usadas para estudar, analisar ou gerenciar uma área geográfica para garantir a bioconservação. “Temos de lembrar que cada ecossistema é composto por várias formações vegetais, diferentes plantas e animais que precisam ser contemplados para que a gente garanta a restauração, a recuperação e a conservação da biodiversidade”, alerta.

Em nota, Qu Dongyu defendeu que os próximos três anos e três meses “devem ser definidos por uma implementação de alta qualidade — ampliando a restauração de florestas e paisagens de forma centrada nas pessoas, baseada na ciência e apoiada por políticas coerentes”. “Estou confiante de que, por meio da ação coletiva e do compromisso compartilhado, podemos restaurar terras degradadas em grande escala e construir um futuro melhor para todos”, afirmou o diretor-geral da FAO.

CANETINHAS DE TERCEIRA GERAÇÃO

Redução de peso e melhora na glicemia

A terceira geração das “canetas emagrecedoras” melhorou o controle da glicemia e promoveu um emagrecimento de até 25% do peso corporal inicial em pessoas com sobrepeso ou obesidade e diabetes tipo 2, segundo um estudo publicado na revista *The Lancet*. A pesquisa também será apresentada na Reunião Anual da Associação Europeia para o Estudo do Diabetes (EASD), em Milão, Itália. Segundo Juan Pablo Frías, coautor do artigo e diretor médico do Instituto de Pesquisa Metabólica de Los Angeles, nos Estados Unidos, esses pacientes, em geral, têm mais dificuldade de perder gordura comparado a pessoas com índice de massa corporal (IMC) elevado, mas sem a doença crônica.

A retatrutida, da fabricante Eli Lilly, é um medicamento experimental com tripla ação. Assim como a semaglutida (substância do ozempic, weygov e ozivy, por exemplo), ela imita a função natural do GLP-1 e, da mesma forma que a tirzepatida (o mounjaro), ativa os receptores do GIP. A diferença é que a droga também é agonista do glucagon, um hormônio produzido pelo pâncreas que eleva os níveis de açúcar no sangue e atua diretamente no aumento do gasto energético. Atualmente, é estudada para tratamento de obesidade, diabetes 2 e

complicações associadas ao excesso de peso, como doenças cardiovasculares, doença hepática metabólica, osteoartrite do joelho, dor lombar crônica e apneia obstrutiva do sono (AOS).

No estudo publicado ontem, os autores avaliaram a eficácia e a segurança da retatrutida em adultos com sobrepeso ou obesidade e diabetes tipo 2 em centros médicos e hospitais de oito países, incluindo o Brasil. Os 2.047 participantes tinham mais de 18 anos e IMC acima de 27 kg/m². Todos eram pacientes de diabetes 2.

Os pesquisadores dividiram os participantes em quatro grupos para receber injeções semanais de placebo ou de retatrutida nas doses de 4mg, 9mg ou 12mg, além de aconselhamento nutricional e orientações sobre atividade física. Na 80ª semana, a variação de peso em relação ao início do estudo, conforme a dosagem, foi de -11,9%, -16,8%, -18,8%. Já no grupo de controle, houve redução de -5,1%.

Avanço

Segundo o estudo, em 80 semanas, 47% dos participantes que receberam 12mg da substância perderam pelo menos 20% do peso inicial, e 31% eliminaram 25%, em

Wikimedia Commons/Divulgação



Pacientes com diabetes 2 e sobrepeso têm mais dificuldade para emagrecer

comparação com 6% e 3% do grupo placebo, respectivamente. Além disso, 72% atingiram um nível de HbA1c (que mede o açúcar no sangue) de 6,5% ou inferior, em

comparação com 29% no controle. “Existe uma necessidade não atendida de uma redução de peso mais eficaz em indivíduos com obesidade e diabetes tipo 2. Os

resultados sugerem que a retatrutida pode representar um avanço no tratamento da obesidade e de diabetes tipo 2, uma população na qual a redução de peso tem sido um desafio”, escreveram os autores, em nota.

A endocrinologista Alessandra Rascovski, diretora médica da clínica Atma Soma (SP), resalta que o artigo relata efeitos adversos, principalmente gastrointestinais. No grupo da retatrutida, 27-34% dos participantes sofreu de diarreia, e 14-28% náusea. “Isso reforça a importância da titulação gradual e da individualização do tratamento”, argumenta.

Para a especialista, à medida que as canetas ficam mais potentes, é preciso mudar o conceito de sucesso do tratamento. “O objetivo não é necessariamente levar todo paciente à maior dose ou à maior perda de peso possível. É encontrar a dose que produza benefício metabólico e uma perda de peso clinicamente adequada, mas que seja bem tolerada e sustentável no longo prazo.”

Rascovski avalia que, ao atuar simultaneamente sobre dois dos principais componentes da diabetes tipo 2 — a disfunção do tecido adiposo e a resistência à insulina, e o controle inadequado da glicose —, os resultados apontam para uma intervenção mais profunda e precoce da doença. “Há um potencial de ir muito além da perda de peso, mas ainda é cedo para afirmar que a retatrutida modifica, definitivamente, o curso da diabetes tipo 2. Para isso, precisamos dos estudos de longo prazo e, principalmente, de desfechos cardiovasculares e renais”, explica. (**Paloma Oliveto**)